

**A ETNOLOGIA DE SERGIO BAPTISTA DA SILVA**  
**THE ETHNOLOGY OF SERGIO BAPTISTA DA SILVA**

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro

Vol. XIII | n°25 | 2016 | ISSN 2316 8412



# A Etnologia de Sergio Baptista da Silva

Bruno Leonardo Ricardo Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo apresentarei uma breve síntese de alguns dos trabalhos mais recentes do antropólogo Sergio Baptista da Silva e tentarei mostrar, partindo de uma leitura crítica e analítica destas obras, como o autor promove uma ruptura com a dita “barreira” existente entre a etnologia clássica e os estudos sobre o contato entre sociedades indígenas e a sociedade nacional. Para tanto, a partir de um breve exame de sua trajetória acadêmica, busco apontar suas afiliações teóricas mais evidentes, as associações por ele realizadas entre arqueologia pré-colonial e etnologia e seu posicionamento no escopo mais amplo da “antropologia brasileira”.

**Palavras-chave:** Sergio Baptista da Silva; Etnologia; Arqueologia Pré-colonial; Antropologia Brasileira.

**Abstract:** In this paper I will offer a brief synthesis about some of the most recent works of the anthropologist Sergio Baptista da Silva and try to show, from a critical and analytical reading of these works, how this author promotes a rupture with the so called “barrier” between the classical ethnology and the studies of contact between indigenous societies and the Brazilian society. To do so I will start with a brief analysis of his academic career, from where I will highlight his most evident theoretical affiliations, the associations he delineates between pre-colonial archaeology and ethnology and his standing in the larger frame of the “Brazilian anthropology”.

**Key-words:** Sergio Baptista da Silva; Ethnology; Pre-colonial Archaeology; Brazilian Anthropology

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho discorrerei algumas páginas sobre a obra do antropólogo Sergio Baptista da Silva e seu posicionamento no campo da antropologia brasileira. Para a realização deste breve artigo, parti de uma análise do currículo Lattes do autor, dali selecionando quatro de suas publicações. Para tal seleção adotei os seguintes critérios: 1) acessibilidade – estão todos disponíveis *online*; 2) Data de publicação e autoria – priorizei trabalhos mais recentes cuja autoria não fosse compartilhada e 3) trabalhos de etnoarqueologia ou que operam na interface entre os campos da etnologia e arqueologia. Assim, a análise apresentada a seguir parte dos seguintes trabalhos: *Contato interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no Rio Grande do Sul*, de 2008; *Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani*, de 2010; *Cartografia sociocultural de espaços e práticas educativas ameríndias: refletindo sobre a indigenização da escola*, de 2013 e *Cosmo-ontológica mbyá-guarani: discutindo o estatuto de “objetos” e “recursos naturais”*, também de 2013.

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil; Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil; no Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (Lepaarq/UFPel), Brasil.

Antes de desenvolver sobre as obras e as afiliações teóricas de Sergio Baptista da Silva, cabe aqui uma breve apresentação deste autor.

Sérgio Baptista é professor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Bolsista de Produtividade em Pesquisa nível 02 do CNPq, atuando principalmente nas áreas de etnologia indígena e etnoarqueologia, dentre outras. Com Bacharelado em Letras em 1980 pela UFRGS, adquiriu posteriormente, em 1989, título de Mestre em Antropologia Social no mesmo centro universitário, sob orientação de Pedro Ignácio Schmitz, na área de Arqueologia, subárea Arqueologia Pré-histórica, quando trabalhou com ocupações Tupiguarani e Proto-Jê. Obteve título de Doutor em 2001, pelo programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, com tese sobre grafismos indígenas, sob orientação de Lux Boelitz Vidal e tema voltado à etnoarqueologia dos grafismos Kaingang.

### ***Enquadramento e afiliações teóricas***

De modo geral e tomando por pauta a proposta de Roberto Cardoso de Oliveira (1988), poderíamos inserir os trabalhos de Sergio Baptista da Silva no campo da *Etnologia Clássica*. Entretanto, tornou-se latente durante a análise de seus trabalhos mais recentes sua preocupação com o contato interétnico entre as populações indígenas estudadas e a sociedade brasileira, e os impactos que tais contatos impuseram sobre as cosmologias, organizações sociais e visões de mundo destes povos nativos (por exemplo, BAPTISTA DA SILVA 2008; 2013a).

Outro ponto interessante a ser ressaltado é a constante correlação que Sergio Baptista da Silva se propõe a realizar, em seus trabalhos, entre a etnologia e a arqueologia, principalmente no que diz respeito ao campo das artes indígenas, o que acaba por tornar suas publicações de elevado interesse tanto para arqueólogos quanto para etnólogos que venham a se interessar pelo estudo de grafismos e manifestações artísticas indígenas.

Essa peculiaridade manifesta de seus trabalhos, contudo, pode muito bem ser explicada pelo próprio contexto de formação acadêmica do autor, mestre em Arqueologia e doutor em Antropologia. Inclusive, os próprios temas de interesse inicial de Sergio Baptista da Silva – cultura material, grafismos, simbologia e cosmologia indígena, e etc. – podem ter suas origens traçadas até seus trabalhos de Mestrado e Doutorado, e seus orientadores.

Sob a orientação de Pedro Ignácio Schmitz, uma das maiores referências para o estudo arqueológico de grupos pré-coloniais da região sul do Brasil, principalmente (mas não se resumindo) ao estudo de grupos construtores de cerritos no estado do Rio Grande do Sul – tema no qual sua tese de livre docência (SCHMITZ 2011 [1976]) é, até hoje, de importância notável – Sergio Baptista desenvolveu uma pesquisa arqueológica voltada ao estudo da cultura material de grupos guarani e kaingang. Posteriormente, orientado pela renomada antropóloga Lux Vidal, também uma das maiores referências brasileiras em sua

área de atuação, neste caso o de estudos de grafismos indígenas – com destaque para a obra “*Grafismo Indígena*” (1992) – desenvolveu sua tese de doutorado em Antropologia sobre as manifestações artísticas daqueles mesmos grupos indígenas que foram tema de sua dissertação.

Dado este contexto de inserção acadêmica do autor, consegue-se entender muito melhor as obras aqui estudadas, com destaque para o excelente texto publicado no livro “*Ceramistas Tupiguarani*” (PROUS e LIMA 2010), onde percebe-se, sumariamente, esta imbricada rede de influências teóricas e metodológicas postas em prática.

No capítulo do livro supracitado, Baptista da Silva (2010) realiza um trabalho espetacular, buscando interpretar motivos decorativos presentes em vasilhames cerâmicos, oriundos de coleções arqueológicas do sul do Brasil e associados à cultura Guarani, a partir de grafismos presentes nas cerâmicas artesanais para comercialização, pinturas corporais e relatos etnográficos por ele recolhidos dentre várias comunidades Guarani (das parciaisidades Mbyá, Nhandevá e Kaiowá) dispersas pelo sul e sudeste do Brasil.

Teoricamente falando, percebe-se também em seus trabalhos, forte influência da teoria perspectivista, desenvolvida principalmente por Eduardo Viveiros de Castro (1996 e 2002b, para citar alguns), e dentre as obras observadas, citaríamos como exemplo seu artigo publicado na Revista da SAB de 2013 – Sociedade de Arqueologia Brasileira (BAPTISTA DA SILVA 2013b).

Neste artigo percebemos uma forte problematização, por parte do autor, dos critérios analíticos etnocêntricos adotados, tanto por arqueólogos quanto antropólogos, no estudo dos “objetos inanimados” presentes nas dinâmicas cotidianas de povos indígenas. Sua crítica dirige-se, essencialmente, às concepções adotadas por nós, pesquisadores, que atribuímos um estatuto estritamente funcionalista e pragmático a tais objetos enquanto que, no pensamento nativo, estes mesmos objetos desempenham papel *ativo e interativo*, cosmologicamente, ontologicamente e cotidianamente falando. Colocado de outro modo, o autor aponta, basicamente, que enquanto tratamos objetos como seres inertes e passivos, restritos ao mundo do *natural* e à parte do humano, o pensamento nativo os entende como seres *vivos*, dotados de *interioridade* e eminentemente *culturais*<sup>2</sup>, que interagem com, e influenciam na sociedade nativa e, inclusive, na própria noção de vida humana e constituição dos corpos humanos.

Aqui cabe trazer à discussão, mesmo que superficialmente, as próprias noções de *arte indígena* e de *objeto* que Baptista da Silva apresenta em sua conceitualização destes termos (BAPTISTA DA SILVA 2008; 2010 e 2013b). Seguindo na trilha de sua orientadora de Doutorado, Baptista da Silva entende as manifestações artísticas indígenas como um sistema de signos cujo objetivo estaria voltado à comunicação e caracterização de uma identidade étnica e cultural única e comum a um grupo específico. Da mesma maneira

---

<sup>2</sup> Aqui é interessante ressaltar que quando aponto que tais objetos são entendidos como *culturais*, não estou partindo da percepção de objeto como um produto cultural ou como *sinônimo* de cultura material, mas sim partindo da contraposição natureza/cultura, como apresentada por Viveiros de Castro em sua teoria perspectivista. Para maiores detalhes ver: Viveiros de Castro 1996; 2002a e 2002b.

o estatuto garantido aos “objetos”, à “cultura material” de modo geral, em seus trabalhos, é também carregado de agência, numa caracterização fortemente influenciada pela corrente pós-processual da arqueologia. Seguindo McCracken (2003, apud BAPTISTA DA SILVA 2011), Sergio contrapõe a cultura material à linguagem como um sistema “alternativo” de comunicação de ideias, dotado de características específicas.

Ao mesmo tempo em que influenciam diretamente sobre o cotidiano da sociedade, como dito anteriormente, a cultura material é também uma plataforma diferenciada para a transmissão de ideias que a linguagem poderia subverter. Aquelas mesmas ideias que a arte e o grafismo indígena buscam comunicar. De maneira um pouco similar a proposta de Webmoor e Witmore (2008, p. 59)<sup>3</sup>, para quem “nas coisas achamos aquilo que há de mais durável sobre nós”<sup>4</sup>, Baptista da Silva argumenta que: “Em resumo, a cultura material é limitada em seu leque expressivo, mas veicula o que tem *peso substantivo*, o que tem *importante significado cultural*” (BAPTISTA DA SILVA 2011:5; ênfase minha).

Assim, através da convergência destes dois conceitos, Baptista da Silva argumenta, por exemplo, não apenas sobre a diferenciação verificada nos vestígios arqueológicos cerâmicos por ele estudados e associados a grupos Guarani e Kaingang, como também argumenta contra as ideias de uma presumida inevitabilidade dos processos de perda de identidade étnica, propostas pelas teorias de aculturação e fricção interétnica.

Sob sua ótica, durante um contato intenso entre etnias distintas, o movimento se daria, na verdade, em caminho inverso ao das propostas de aculturação. O que aconteceria seria uma exacerbação e reafirmação das identidades, culturas e tradições indígenas – aqui, cabe dizer que englobo também a teoria da fricção interétnica no escopo “das propostas de aculturação”, pois, como colocado pelo autor, as propostas de fricção interétnica, “apesar de aparentemente se oporem aos estudos de ‘aculturação’, estavam também preocupadas em entender os mecanismos que possibilitariam a *inevitável integração dos índios na sociedade nacional*” (BAPTISTA DA SILVA 2008:03; ênfase minha).

Como exemplo da validade destas perspectivas teóricas adotadas pelo autor, talvez possa citar os resultados por ele obtidos ao exibir, para seus interlocutores Guarani de aldeias (*Teko’á*) do sul e do sudeste do Brasil, alguns motivos decorativos presentes em cerâmicas arqueológicas da tradição policroma amazônica. Além de boa parte destes padrões decorativos terem sido identificados por seus interlocutores-artistas e terem tido seus significados explanados ao pesquisador, muitos deles são até hoje utilizados na decoração de potes cerâmicos, cestarias, adornos e outros objetos produzidos pelas comunidades estudadas, com intuito de comercialização e venda à turistas (BAPTISTA DA SILVA 2010).

---

<sup>3</sup> Cabe frisar que estou ciente da diferença verificada entre o tipo de “agência dos objetos” apresentada por Sergio Baptista da Silva, muito mais alinhada à proposta de Alfred Gell (1998) de agência *atribuída*, que a defendida pelos autores supracitados. Portanto, de modo algum entendo tais propostas como equivalentes.

<sup>4</sup> “...with things we find that which is most durable about us.” (WEBMOOR e WITMORE 2008:59).

Visto o que foi apresentado até agora sobre a obra de Sergio Baptista da Silva pareceria ser bem razoável o enquadramento deste pesquisador no âmbito daquilo que a corrente teórica da antropologia brasileira tradicionalmente caracteriza como a “escola clássica” da etnologia brasileira. Contudo, como pincelado em páginas anteriores, durante o exame das obras aqui analisadas pude perceber claramente o interesse de Sérgio Baptista também por questões mais associadas aos ditos “estudos de contato”, e o escopo “político” de seus trabalhos se torna evidente em algumas destas obras.

Neste quesito, duas delas merecem destaque. Primeiramente, seu artigo sobre a *indigenização* das escolas presentes em terras indígenas e as práticas educativas ameríndias (BAPTISTA DA SILVA 2013a), um esforço cuja representatividade e importância social me parece não carecer de demasiada explanação. Nesta publicação, Sergio Baptista relata sobre sua experiência como ministrante de uma disciplina de metodologia da pesquisa em um curso voltado à capacitação de professores do PROEJA INDÍGENA, cujos objetivos seriam a legitimação dos conhecimentos indígenas e a orientação de políticas públicas através da simetrização dos saberes.

Partindo de uma metodologia “horizontal” e “inclusiva” – que envolvia diretamente os participantes indígenas –, Sérgio Baptista buscou municiar seus estudantes das ferramentas necessárias para a elaboração de estruturas curriculares que incorporem e respeitem as práticas, os espaços e os saberes tradicionais indígenas. Balanceando sua lógica, sua prática educacional e pedagógica e seus ensinamentos, com aqueles euro-ocidentais já presentes no conteúdo escolar.

A segunda resultou da experiência do pesquisador durante a elaboração de laudos técnicos para a identificação e delimitação de terras indígenas no estado do Rio Grande do Sul, atendendo a uma antiga demanda de grupos Guarani da região, mediadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Apesar de aparentemente ter por tema central uma discussão sobre o estatuto das *coisas*<sup>5</sup> na cosmologia Mbyá-Guarani (BAPTISTA DA SILVA 2013b), tal discussão poderia ser caracterizada como o “pano de fundo” de uma questão política extremamente relevante: a reavaliação do que se caracteriza como *território indígena*.

Neste artigo, aparentemente, o propósito do autor ao discutir sobre o estatuto dos “objetos” e dos “recursos naturais” na cosmo-ontologia Mbyá-Guarani seria o de promover uma interpretação mais aproximada ao pensamento nativo, daqueles espaços que designamos como “território indígena”, durante a elaboração de laudos e processos de demarcação de TI’s. Como resultado de sua pesquisa, Baptista da Silva verifica que território, partindo da lógica Mbyá, possui um valor simbólico relacional que ultrapassa qualquer delimitação espacial rígida ou valor material, e está mais associado as maneiras particulares pelas quais tais grupos se apropriam da paisagem do que a simples quinhões de terra capazes de fornecer a subsistência do

---

<sup>5</sup> Aqui, utilizo o termo *coisa* simplesmente como um conceito caracterizador e englobante da legião de seres não-humanos que integram uma sociedade (e.g.: colares, cestos, vasilhas, “o mato” a areia e etc.; para citar algumas das *coisas* apresentadas pelo próprio autor nas obras analisadas). Sigo na trilha de Webmoor e Witmore (2008), por exemplo, dentre vários outros autores.

grupo, como determina a matriz de pensamento colonialista. É um espaço/palco de interações e manifestações tanto sociais quanto cosmológicas e ontológicas, que não se pauta pela dicotomia ocidental/modernista entre sociedade e natureza. Nas palavras do pesquisador “ele [o território] constitui-se em espaço vivido e vivenciado por grupos que nele constroem suas experiências de mundo, articulando a memória de seus antepassados com a recriação e re-elaboração de suas tradições no cotidiano da atualidade<sup>6</sup>” (BAPTISTA DA SILVA 2013b:52).

Retomarei agora a proposta inicial de realizar um exercício de “enquadramento” deste autor na Antropologia brasileira. Como apresentado, ao mesmo tempo em que Sergio Baptista da Silva pode ser caracterizado por seus interesses claramente relacionados ao campo de estudo da etnologia clássica – voltados à observação e análise das cosmologias Guarani e Kaingang – também demonstra preocupações em correlacionar seus resultados à dinâmica, externa a estes grupos, do contato com a sociedade brasileira, suas demandas políticas e necessidades sociais. Estes apontamentos sobre contato seriam, para Alcida Rita Ramos (1990), a “verdadeira” e mais “significativa” contribuição da antropologia brasileira à antropologia mundial.

Contudo, essa visão de Alcida Ramos, assim como de grande parte dos “pensadores” da antropologia brasileira, parte de um pressuposto que enfatiza uma “dissociação” entre os estudos de etnologia clássica e os estudos de contato com a sociedade brasileira, em função, basicamente, do presumido caráter “envolvente” que a sociedade nacional assumiria frente às sociedades tradicionais, que as absorveria e tornaria sem propósito ou pouco relevante, em certa medida, estudos puramente “clássicos” que não se pautassem pela iminência desta absorção. Por outro lado, em resposta a Ramos, Viveiros de Castro (1999) apresenta como argumento que tal barreira entre os estudos de etnologia clássica e os estudos de contato seriam uma questão puramente teórica e epistemológica, me arrisco inclusive a dizer, embasada numa antropologia de viés colonialista.

Isso posto, podemos perceber que a “etnologia de Sergio Baptista da Silva” tenta romper essa dissociação entre etnologia clássica e os estudos sobre o contato entre as sociedades indígenas e brasileira, realizando ao mesmo tempo tanto estudos caracterizados pela análise das cosmo-ontologias Guarani e Kaingang, quanto estudos pautados pela atenção dedicada às transformações decorridas deste contato, e a defesa das demandas sociais e políticas destes grupos.

Assim, e continuando no caminho proposto por Viveiros de Castro e tantos outros autores – inclusive a própria Alcida Rita Ramos (2010), numa réplica ao texto de Viveiros de Castro anteriormente citado –, percebemos como o autor aqui examinado rompe esta barreira entre os dois tipos de estudo e realiza uma reaproximação entre estas duas “escolas”, num movimento cada vez mais de praxe na etnologia brasileira.

---

<sup>6</sup> Em linhas gerais, esta proposta de re-interpretação da ideia de território indígena defendida por Sergio Baptista me parece muito similar ao conceito de “*Place-Thought*” apresentada e discutida por Vanessa Watts (2013). Para maiores detalhes, favor consultar as obras citadas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como tentei demonstrar neste “sobrevoo”, a etnologia de Sergio Baptista da Silva – mesmo que este tenha sido um vôo “rasante” –, a obra deste autor se revela de extrema validade, por oferecer aportes tanto teóricos quanto metodológicos (i.e. analogia etnográfica como viés interpretativo das manifestações arqueológicas pretéritas de grupos indígenas atuais), para pesquisadores interessados em cultura material ou grafismos indígenas de coletivos nativos do Rio grande do Sul, sejam eles arqueólogos ou antropólogos.

Por um lado, seus estudos sobre a atribuição de significado e representatividade dos simbolismos presentes em vasilhames arqueológicos, através de relatos etnográficos, podem ser de extrema valia para arqueólogos e etnólogos interessados em estudos sobre cultura material, arte indígena ou mesmo sobre a relação entre tradição e contato. Por outro, sua afiliação a correntes teóricas contemporâneas, suas propostas relacionadas às demandas indígenas como a de reinterpretação de território e de simetriação dos saberes na elaboração de grades curriculares em escolas presentes em TI's, ou ainda a associação, ou o reencontro por ele mediado, entre a etnologia dita clássica e os estudos sobre sociedade nacional, podem se revelar muito úteis também para pesquisadores mais interessados em questões relacionadas aos impactos gerados pela expansão da sociedade ocidental sobre as sociedades indígenas.

#### ***Agradecimentos***

Agradeço muitíssimo ao professor Sergio Baptista da Silva, da UFRGS, “objeto” desta análise, por seus comentários e sugestões sobre as possibilidades de expansão e aprofundamento deste trabalho e, principalmente, à Professora Flávia Rieth, pelo estímulo e incentivo à publicação deste breve ensaio.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Contato interétnico e dinâmica sociocultural: os casos guarani e kaingang no RS. IN: BERGAMASCHI, Maria Aparecida. (Org.): *Povos indígenas & educação*. 1ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2008, p. 29-43.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Iconografia e ecologia simbólica: retratando o cosmos guarani. IN: PROUS, André. e LIMA, Tania Andrade. (Org.): *Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, v. 3, 2010, p. 115-148.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cartografia sociocultural de espaços e práticas educativas ameríndias: refletindo sobre a indigenização da escola. IN: *Espaço Ameríndio*. Porto Alegre: v.7, n.2, 2013a, p. 227-238.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. Cosmo-ontológica mbyá-guarani: discutindo o estatuto de “objetos” e “recursos naturais”. IN: *Revista de Arqueologia - Sociedade de Arqueologia Brasileira*. São Paulo: SAB, v. 26, n.1, 2013b, p. 42-56.
- BAPTISTA DA SILVA, Sergio. *Currículo do sistema de currículos Lattes*. [Brasília] 27 de maio de 2015. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9943826446885266>>. Acesso em: 30 de maio de 2015.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O que é isso que chamamos de antropologia brasileira?. IN: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Brasília: CNPq. 1988, p. 109-128.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford, Clarendon Press. 1998.
- PROUS, André. e LIMA, Tania Andrade (Org.). *Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos*. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais, v. 3, 2010.
- RAMOS, Alcida Rita. Ethnology Brazilian Style. IN: *Cultural Anthropology*, v.5, n. 4, 1990, p. 452-472.
- RAMOS, Alcida Rita. Revisitando a etnologia à brasileira. IN: MARTINS, Carlos Benedito. e DUARTE, Luis Fernando Dias. (orgs.): *Horizontes das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS. 2010, p. 25-49.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Sítios de pesca lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. Tese de Livre Docência. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas. 2011[1976].
- VIDAL, Lux Boelitz. *Grafismo Indígena*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Edusp. 1992.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. IN: *Mana*, v.2, 1996, p. 115-144.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Etnologia Brasileira. IN: MICELI, Sergio. (org.). *O que ler na ciência social brasileira 1970-1995*. São Paulo: Editora Sumaré, v.1, 1999, p. 110-223.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O conceito de sociedade em antropologia. IN: *A inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002a, p. 295-316.

- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. IN: *A inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo: COSAC & NAIFY, 2002b, p. 345-400.
- WEBMOOR, Timothy. e WITMORE, Christopher. Things are us! A Commentary on Human/Things Relations under the Banner of a "Social" Archaeology. IN: *Norwegian Archaeological Review*, v.41, n.1, 2008, p. 53-70.
- WATTS, Vanessa. Indigenous place-thought e agency amongst humans and non-humans (First Woman and Sky Woman go on a European world tour!). IN: *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*, v. 2, n. 1, 2013, p. 20-34.

Recebido em:14/04/2016  
Aprovado em:10/05/2016  
Publicado em:22/06/2016